

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA FORMAÇÃO DOCENTE

VÂNIA DAL PONT PEREIRA DA SILVA¹;
MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹UFPEL- Universidade Federal de Pelotas – vaniadalpont@gmail.com

²UFPEL- Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma descrição do projeto de pesquisa de qualificação do doutorado em Educação intitulada: Formação Docente e Produção de Vídeo Estudantil: desafios e potencialidades no processo educacional, que pretende debater sobre questões relacionadas a produção de vídeo estudantil e a formação docente na Educação Básica de escolas da rede pública brasileira. A pesquisa analisa professores da Educação Básica que produzem vídeo com seus alunos.

Vive-se em um mundo de constantes mudanças, muitas delas viabilizadas pela tecnologia, que diminuiu a distância entre as pessoas e possibilitou que seus usuários, mesmo sem conhecimento técnico pudessem produzir vídeo e assim, saíssem do *status* de espectador e se tornassem produtores de conteúdo. Essa mudança social ocorrida na área da comunicação nos últimos anos, alcançou a escola onde é possível apreciar vídeos estudantis produzidos por professores e alunos. Segundo KENSKY (2001), o emprego das tecnologias de informação causa uma mudança considerável no processo de ensino, quando este consegue integrar todas as tecnologias disponíveis, tais como: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais a serviço de uma aprendizagem pertinente e significativa.

Apesar da produção de vídeo estudantil ser uma realidade em muitas escolas brasileiras, PEREIRA e JANHKE (2012) afirmaram que muitos professores não possuem formação para trabalhar com a produção de vídeo. Para os autores, mesmo sem capacitação, adequações e materiais apropriados voltadas para produção de vídeos estudantis, professores e alunos criam festivais e mostras de vídeos que estão espalhados em diversas escolas brasileiras, como é o caso do primeiro festival de vídeo estudantil do Brasil criado em 2001 na cidade de Guaíba/RS.

De acordo com uma pesquisa realizada por PEREIRA e MATTOS (2017) que analisou os cursos de licenciatura das seis principais universidades do Rio Grande do Sul, foi concluído que os cursos de licenciatura ainda não apresentam disciplinas que contemplam a produção de vídeo estudantil como uma atividade pedagógica.

Diante deste contexto, muitos são os questionamentos que impulsionam a busca de saberes sobre a produção de vídeo estudantil e a formação docente dentro do cenário atual da educação. Estas inquietações referentes a temática apresentada, constituem o objetivo desta pesquisa que visa responder a seguinte questão: Como um professor da Educação Básica sem ter formação para usar a tecnologia de modo pedagógico produz vídeos estudantis com seus alunos? Esse é o problema principal da pesquisa, que busca compreender o que leva um professor a produzir vídeo com seus alunos, conhecendo este profissional que produz vídeo em sala de aula e identificando motivos pessoais e profissionais que o levam a produzir vídeo estudantil.

A pesquisa está dividida em cinco capítulos, sendo que no primeiro: “Focando na introdução: a fábrica de sonhos”, se apresenta a conexão da pesquisadora com a educação e a produção de vídeo estudantil. Apresenta-se também, uma pesquisa do tipo Estado do Conhecimento que contribuiu para a construção do *corpus* de dados para a escrita da tese. Efetivou-se uma varredura e uma revisão sistemática de produções acadêmicas, buscando por saberes advindos de dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e relatos publicados em diferentes sites, eventos, congressos e revistas realizados por pesquisadores de todo o Brasil, com a finalidade de elencar trabalhos onde os professores tivessem produzido vídeo estudantil com seus alunos. Como resultado foi possível constatar que mesmo com o crescimento da produção de vídeo estudantil nas escolas encontraram-se poucos trabalhos acadêmicos relacionados a como um professor da Educação Básica sem ter formação para usar a tecnologia de modo pedagógico produz vídeos estudantis com seus alunos.

Devido a carência de trabalhos desenvolvidos nesta área e dada a importância da formação docente, o segundo capítulo: “Focando em formação: um filme em produção permanente”, dedicou-se a discutir este tema descrevendo a situação panorâmica da formação docente no Brasil, apontando autores, definindo cenários históricos que apresentam as principais diferenças entre o professor do século XX e o professor do século XXI, as mudanças ocorridas na educação durante este período e indicando reflexões sobre a formação inicial e continuada baseada em autores como NÓVOA (2009), TARDIF (2014), PIMENTA (1999), FREIRE (1991), entre outros.

No terceiro capítulo: “Focando em cinema e educação: de espectador a produtor” fala-se sobre a relação do cinema com a educação no Brasil, demonstrando o caminho, a relação, as investidas e as possibilidades do cinema/audiovisual com a educação do início do século até a produção de vídeo estudantil. Relata-se também quais foram os primeiros professores do início do século a se aventurar no mundo da produção de vídeo.

O quarto capítulo: “Focando em tecnologia e produção de vídeo estudantil: o novo sempre vem”, aborda o avanço tecnológico e a produção de vídeo estudantil, ressaltando que o novo sempre vem, trazendo consigo possibilidades e desafios. Para MORAN (2000),

As tecnologias possibilitam um novo encantamento na escola, nos professores e alunos: o processo de ensino/aprendizagem ganha um poder maior de comunicação, além de ser inovador e dinâmico (MORAN, 2000, p.137).

Como destaca o autor, as tecnologias possibilitam que o novo entre nas escolas, e esse “novo” que atravessou os muros escolares pelas mãos de alunos e professores, fez com que a produção de vídeo estudantil se tornasse uma realidade nas escolas brasileiras. Também neste capítulo se apontam as características da produção de vídeo estudantil e como ela acontece dentro do processo de ensino, apoiando-se em autores que defendem o processo educacional por meio das emoções e da subjetividade.

O quinto capítulo intitulado: “Focando em Metodologia: elaborando o roteiro”, compreende a Metodologia da pesquisa de doutorado e será dividida em duas etapas. Em um primeiro momento pretende-se realizar uma pesquisa qualitativa, como diria GIL (2007, p. 17), “a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Se-

gundo o mesmo autor a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. E é o que se deseja compreender nos sujeitos da pesquisa, no caso os professores que produzem vídeo.

Ainda na primeira etapa da pesquisa, será utilizada a abordagem de estudo de caso, que segundo LUDKE E ANDRÉ (1986, p. 18), “visa à descoberta, mesmo que no investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo”, ou seja, o estudo de caso possibilita organizar todos os dados do objeto estudado mantendo em segurança a sua natureza e caráter.

Para definir os protagonistas desta história nesta primeira etapa da pesquisa, serão convidados um professor de cada região do Brasil, que atue na Educação Básica e obedeça aos critérios preestabelecidos pela pesquisadora. Para encontrar estes professores, será utilizado o banco de dados do Laboratório de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE/UFPEl)¹ que desde o ano de 2012 desenvolve pesquisas, debates, capacitações e estudos relacionados a produção de vídeo estudantil em todo o Brasil. Para fazer parte da pesquisa será necessário que o professor passe pelos critérios pré-estabelecidos pela pesquisadora que se encontram no Quadro 1.

Passos	Critérios
1º	Como o foco desta pesquisa são os professores que produzem vídeo estudantil, pensou-se em convidar os professores que realizam vídeo há pelo menos cinco anos, pois estes teriam uma ação direta estabelecida com os discentes.
2º	O professor teria que estar produzindo vídeos de forma contínua durante os últimos cinco anos (sem contar o ano de 2020 e 2021, em função da pandemia do Covid-19).
3º	Ser professor da Educação Básica.
4º	Ser professor de escolas públicas brasileiras.
5º	Ser docente na ativa há pelo menos dez anos, pois assim esse docente teria experiência para poder analisar a produção de vídeo estudantil neste interim.

Quadro 1 - Critérios para enviar o convite aos sujeitos da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

Após analisar e escolher os sujeitos desta investigação com base nos critérios estabelecidos, será enviado um e-mail para estabelecer o primeiro contato e fazer o convite para participar da pesquisa.

Diante do aceite dos professores escolhidos, parte-se para a segunda etapa da pesquisa onde será feita uma entrevista individual de modo *online*, com cada um dos professores. Também será utilizado o instrumento do grupo focal, por meio de *webconferência*, para a coleta de dados. Para GATTI (2005) o grupo focal é “uma técnica de levantamento de dados muito rica para capturar formas de linguagens, expressões e tipos de comentários de determinado segmento” (GATTI, 2005, p. 12). Uma particularidade desta ferramenta é a influência intensa entre os sujeitos

¹ Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE/UFPEl). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>. Acesso: 16 ago. 2022.

participantes e o pesquisador, que tem por objetivo recolher dados a partir do debate focado em assuntos singulares.

Após a transcrição das entrevistas e dos debates feitos com o grupo focal, a autora pretende desenvolver a análise de dados e elencar as categorias de acordo com os dados coletos.

2. METODOLOGIA

A Metodologia deste trabalho consiste em uma apresentação descritiva do projeto de pesquisa de qualificação da tese de doutorado em Educação da autora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo ainda está em andamento, e não aponta um resultado, porém a pesquisa do Estado do Conhecimento demonstrou que existe uma carência nos trabalhos relacionados a formação docente e a produção de vídeo estudantil.

4. CONCLUSÕES

A conclusão será feita somente ao término da pesquisa, onde poderá ser demonstrado com clareza, como um professor da Educação Básica sem ter formação para usar a tecnologia de modo pedagógico produz vídeos estudantis com seus alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GATTI, Bernardete. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

KENSKY, Vani. **Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais**. In: BARRETO, R. G. (Org). Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação.

PEREIRA, Josias.; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: UFPel, 2012.

PEREIRA, Josias.; MATTOS, Daniela Pedra. **A Utilização das Tecnologias na Prática da Sala de Aula: entre práticas e teorias que se distanciam**. VI CBE – Congresso Brasileiro de Educação. 2017.